

**Estudo reforça necessidade de ajustes no modelo para atrair investidor privado
CBIEE defende alterações em mecanismos do leilão para tornar setor mais competitivo para iniciativa privada**

Gisele de Oliveira, da Agência CanalEnergia, Negócios

21/02/2006

O resultado do estudo sobre rentabilidade das companhias elétricas reforçou a idéia de que o governo precisa ajustar mecanismos do modelo de forma a atrair o investimento privado. Estudo divulgado nesta terça-feira, 21 de fevereiro, pela **Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica** e pela consultoria Stern Stewart revela que as empresas de energia elétrica tiveram uma perda econômica de R\$ 55 bilhões no período de 1998 a 2004. O principal motivo para esse prejuízo é o custo do capital investido pelas companhias e o baixo retorno oferecido pelos empreendimentos.

Segundo **Claudio Sales**, presidente da **CBIEE**, o setor elétrico brasileiro necessita de investimentos privados para garantir sua expansão e sustentabilidade. No estudo, por ano, são necessários investimentos de US\$ 6 bilhões a US\$ 7 bilhões na expansão da matriz energética brasileira. A previsão para 2006 é que as empresas associadas à câmara de investidores destinem apenas R\$ 1,5 bilhão em geração. O valor é considerado abaixo da necessidade do setor elétrico e reflete o sentimento da iniciativa privada quanto aos novos investimentos na área.

"O primeiro leilão de energia nova apresentou pequena participação de empresas privadas. Isso aconteceu porque as regras do leilão não tinham boas perspectivas para este investidor", lembrou. Sales ressaltou ainda que a taxa de retorno defendida pelo governo, na faixa de 10%, está abaixo da apresentada pelo estudo, em torno de 15%. Para o executivo, o levantamento feito pela Stern Stewart mostra, mais uma vez, que o retorno gerado pelos novos empreendimentos do leilão de energia não cobre o custo investido pelas companhias.

Para o presidente da **CBIEE**, neste momento, o governo precisa olhar com mais atenção para projetos com maior viabilidade de implantação e de menor custo para a sociedade. Ele destacou as hidrelétricas de Estreito, Foz do Chapecó e São Salvador, que já foram licitadas, mas estão sem viabilidade econômica devido às mudanças regulatórias.

"Aceitamos assumir parte dessas perdas porque vemos que há uma tendência de recuperação econômica para as empresas. Por outro lado, precisamos de regras claras que permitam um retorno viável", completou. Veja a íntegra do estudo, clicando [aqui](#)